



Editorial: Estágio e pesquisa: concepção e prática no curso de pedagogia

Profa. Dra. Fernanda Mayara Sales de Aquino

Prof. Dr. Gilberto Ferreira Costa

Profa. Dra. Marisa Narcizo Sampaio

O curso de Pedagogia se constitui como um espaço de formação de profissionais da educação, e seus objetivos se fundamentam na compreensão de que a formação da/o pedagoga/o deve se pautar em princípios orientadores para um processo formativo de qualidade e coerente com o que os espaços de atuação e a comunidade esperam dessa/e profissional. Entre tais princípios destacam-se, no seu Projeto Político Pedagógico, a interdisciplinaridade, a contextualização, a democratização, a inclusão, a pertinência e relevância social, e sobretudo a articulação entre teoria e prática. Nesse sentido, não abrimos mão da defesa e da prática de uma formação que se dá em constante relação com os campos de atuação, entre eles a escola - espaço que para nós é vital na e para a construção do conhecimento docente.

Nessa direção, desde os primeiros períodos do curso a/o estudante de Pedagogia se insere na escola e em diferentes espaços educativos por meio das práticas viabilizadas pelos componentes curriculares integradores entre os quais os Estágios Supervisionados se destacam. Em tais componentes as reflexões e discussões realizadas problematizam os desafios cotidianos das salas de aulas, mas também apontam para as diferentes formas de superação.

Essa formação que se constitui na observação e na reflexão sobre a realidade escolar qualifica a compreensão que temos do papel da/o pedagoga/o nesse espaço, uma vez que a/o insere e a/o coloca em contato constante com seu locus de atuação. Esse percurso formativo que se estende por todo o curso tem na sua base o entendimento de que a formação desse profissional não pode se distanciar da pesquisa e da problematização da realidade como eixos fundamentais. A escola, nessa compreensão, é inevitavelmente o lugar primeiro, o ponto de partida e não somente, pois ela se coloca também como o ponto de chegada para o qual nossa formação se volta. A relação universidade e escola assume, nesse aspecto, estratégia e princípio que se aprofundam à medida que avançamos na construção dessa formação que se pretende e se materializa de forma contextualizada. Um exemplo disso são os Ciclos de Diálogos Universidade-Escola promovidos pelo coletivo de docentes de Estágio do Centro de Educação - UFRN e que busca permanentemente abrir e pavimentar canais de diálogo entre as duas instituições formadoras.

A escola, enquanto um dos campos de atuação da/o pedagoga/o não é percebida aqui de forma isolada, mas como um espaço político no qual a comunidade que ali se encontra está inserida num contexto social e econômico cujas características e implicações se fazem presentes cotidianamente tanto nos processos de ensinar e aprender quanto nas relações que ali se estabelecem.

Portanto, a formação da/o pedagoga/o deve estar fortemente vinculada ao contexto em que as práticas se desenvolvem. Tais práticas, quando observadas no campo de atuação, sejam elas desenvolvidas no contexto escolar ou outros diversos espaços educativos, demonstram a necessidade concreta de implicar os sujeitos da comunidade na ação cotidiana. Isso, nos parece, que é condição básica para uma ação mais significativa dessa/e

profissional.

Para formar esta/e pedagoga/o que possa pensar/fazer (práxis, ação-reflexão-ação) educação na perspectiva da formação de sujeitos críticos e autônomos, reafirmamos que a formação docente precisa basear-se em princípios como educação como direito, democracia, inclusão e ser prática política, proporcionando, assim, aprendizagem de criação e recriação do fazer pedagógico. O momento do estágio é auspicioso neste sentido, já que as/os futuras/os pedagogas/os têm oportunidade de vivenciar o contexto da escola pública; interagir com sua cultura, sua complexidade, seus acontecimentos e seus sujeitos (PIMENTA; LIMA, 2012); mobilizar conhecimentos teórico-práticos estudados ao longo do curso; e propor, criar, formas de inserção nesse contexto e colaboração a ele. Formar-se professora/or na e pela prática é caminho para construção da práxis humanizadora, que é prática de liberdade (FREIRE, 1987).

Nesse sentido, a articulação teoria-prática como um dos princípios do Projeto Político-Pedagógico do curso não se dissocia de outro igualmente relevante, e também explícito no PPP - a concepção que nos sedimenta como professoras/es, que é a prática como princípio formativo. Para nós, os Estágios Obrigatórios se constituem como um espaço por excelência em que a/o estudante acessa os espaços escolares e não escolares na busca por questões que irão permear não apenas suas inquietações comuns e tão necessárias a esse momento da sua formação inicial, mas também como grandes inquietações que podem perpassar toda sua atuação como professora/or pesquisadora/or de sua própria prática. Nessa perspectiva, os estágios supervisionados obrigatórios fazem parte de um todo que considera uma formação não linear, mas que durante todo o tempo de formação coloca a/o estudante num movimento de ida e volta cuja reflexão e problematização propiciam aprofundamento e conhecimento docente.

Nessa perspectiva, desenvolvemos o estágio como pesquisa partindo do pressuposto de que a escola é espaço-tempo de construção de conhecimento para os/as professores/as, estagiários/as, alunos/as, equipe gestora, os quais são praticantes-pensantes do cotidiano escolar, logo produtores de conhecimento (ALVES, 2008; OLIVEIRA, 2016). De um lado, a/o professora/or supervisora/or de estágio é uma/um pesquisadora/or porque questiona, busca, reflete, intervém no exercício da sua prática pedagógica. De outro, a/o estagiária/o do curso de Pedagogia da UFRN reconhece a escola como lugar de investigação científica, produção de saberes e colaboração pedagógica em um processo dialético de prática-teoria-prática.

A formação docente, nesse contexto, está pautada na importância do caráter formador da atividade de pesquisa para as/os futuras/os pedagogas/os, que têm a possibilidade de desenvolver postura investigativa frente às realidades do cotidiano escolar ao longo do seu processo formativo inicial. Nessa perspectiva, “a compreensão do estágio como pesquisa supõe que se busque novo conhecimento na relação entre as explicações existentes e os

dados novos que a realidade impõe e que são percebidos na postura investigativa.” (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 15).

A partir disso, compreendemos por atitude investigativa a capacidade de identificar problemáticas, levantar questões, utilizar procedimentos metodológicos, desenvolver estudos, reflexões que visam a compreensão e/ou a transformação de uma dada realidade escolar. Logo, a formação no contexto do estágio como pesquisa é problematizadora e significativa ao exercício docente em suas especificidades.

Esse movimento de pesquisa acontece durante o estágio organizado em três momentos que se complementam e se retroalimentam: observação participante; participação sistemática; e projeto de colaboração ou regência. Quer dizer, conhecem o contexto e seus sujeitos observando e registrando suas impressões e reflexões, e usam essas anotações como subsídio para propor sua participação e para fazer o planejamento do projeto e da regência. Ao adentrarem o contexto do campo de estágio, as/os estudantes são orientadas/os a ter postura de pesquisadoras/es em atitude etnográfica de quem observa respeitosamente, interagindo com os sujeitos e a cultura própria da escola. Acreditamos que a “etnografia como processo de produção do conhecimento que tem como premissa o exercício intenso da alteridade, oferece importantes alternativas ao questionamento das práticas de ensino naturalizadas nos cotidianos escolares” (PIMENTEL, 2014, p.50). Nesse movimento, o registro no diário de campo tem papel fundamental porque contribui para a reflexão sobre as práticas observadas e sobre as próprias crenças e concepções da/o estagiária/o. Para Porlán e Martín (2000), os registros são um recurso de investigação da prática pedagógica que mostram o ponto de vista de quem escreve sobre os processos mais significativos da dinâmica onde está inserida/o; orientam a reflexão sobre a prática que contribui para se conscientizar sobre suas crenças e concepções. São, ainda, uma forma de estabelecer conexões significativas entre teoria e prática, permitindo mobilizar conhecimentos trabalhados no curso.

Concebemos e praticamos o estágio como pesquisa porque entendemos que esta experiência contribui para a formação de identidades docentes que, ao longo do exercício profissional, vão atuar como professoras/es pesquisadoras/es. As produções que propomos às/aos estagiárias/os como forma de estabelecerem uma síntese reflexiva da experiência de estágio, algumas das quais estão aqui publicadas, são fruto do movimento de pesquisa que constitui o estágio, socializadas em diferentes linguagens, gerando diversidade de gêneros textuais com reflexões pedagógicas oriundas do cotidiano escolar.

A Revista *Cadernos de Estágio* n. 3, v. 5, 2023 publica vinte e nove textos organizados em seis seções - poesia, crônica, carta, relatos de experiência e artigo - nas quais constam textos de estudantes e supervisoras que participaram no ano de 2022 dos estágios em Gestão e Coordenação, Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Publicamos, ainda, o artigo de uma professora convidada, Débora Nascimento, que orienta estágios do curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Referências:

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Porque o estágio para quem exerce o magistério: o aprender a profissão. Estágio e docência. São Paulo: Cortez Editora, 2012, p.99-121.

PIMENTEL, Álamo. A Atitude Etnográfica na sala de aula: descolonizando os processos de ensino. REALIS, vol.4, n.02, Jul-Dez., 2014

PORLÁN, R. y MARTÍN, J. El Diario del Profesor: un recurso para la investigación en el aula. Sevilla: Díada Editora, 2000.